

Jornalismo Comunitário e Participação Política em Chiador, MG: Exemplo de Cidadania Bloqueada?¹

Bruno FUSER²

Rodrigo Galdino FERREIRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O artigo apresenta e discute projeto de comunicação e cultura desenvolvido em Chiador, MG, a partir de dados levantados pelo próprio projeto e de referencial teórico centrado em Boaventura de Sousa Santos, Hannah Arendt e Luiz Roberto Alves. O projeto tem como objetivo geral produzir e pesquisar material jornalístico, histórico e cultural, com a participação direta dos moradores. Foi aplicado questionário semiestruturado contendo 84 questões, respondido por 100 moradores de Chiador. Quase metade dos entrevistados (45%) se informam sobre as questões locais através do *Jornal de Chiador*; 35,7% dos 45 leitores (16% do total de 100 entrevistados) responderam já ter colaborado de alguma forma com o jornal. Disseram não participar das reuniões da Câmara Municipal 83% dos 100 entrevistados, e 90% não participam de nenhuma associação comunitária ou sindical.

Palavras-chave: jornalismo comunitário; participação política; Chiador; democracia; cidadania

Introdução

Este artigo apresenta e discute dados do projeto “Chiador: jornalismo comunitário, história e ação cultural”, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), financiado pela FAPEMIG para o período 2014-2016. Chiador é um pequeno município da Zona da Mata mineira, a 80 km de Juiz de Fora, com cerca de 3 mil habitantes.

A autoria do projeto é coletiva, do grupo de pesquisa “Processos Comunicacionais, Educação e Cultura”, da UFJF. Foi elaborado em 2013, com o objetivo principal de produzir material jornalístico, histórico e cultural, com a participação direta de moradores de Chiador, para constituir arquivos públicos em formatos diversos para valorização da história local e para reflexão teórica sobre jornalismo comunitário, história e cultura.

Essa meta se traduz em ações e reflexões em torno de três eixos: apoio à produção do *Jornal de Chiador*, em edital de extensão em interface com pesquisa, ou seja, além de suporte operacional ao periódico, por exemplo, com bolsista de extensão e compra de equipamento, trata-se também de realizar pesquisas sobre jornalismo comunitário, de forma interdisciplinar a duas outras áreas do projeto, história local e ação cultural, que não serão

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professor efetivo da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: bruno.fuser@uff.edu.br.

³ Bacharel em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, integrante do grupo de pesquisa "Processos Comunicacionais, Educação e Cultura", da UFJF. E-mail: galdino.jornalismo@gmail.br

abordadas, por falta de espaço e por não serem o ponto central deste artigo.⁴ Um ponto de inflexão comum aos três eixos é a perspectiva de discutir e realizar ações culturais nas quais há um inequívoco vínculo com populações de baixo poder aquisitivo, ou colocadas de alguma forma em posição subalterna na sociedade. Construído na perspectiva da democracia, o jornalismo comunitário se vê intensamente em contato com outras áreas de conhecimento, possuindo como elo comum seu caráter de ter como foco de ação e reflexão tais segmentos subalternos. Dessa forma, encontra na história oral e local e na ação cultural democrática importantes pontos de interlocução, e também de constante tensionamento.

Santo Antônio dos Crioulos

Chiador é uma cidade de 2,8 mil habitantes, situada na Zona da Mata mineira. O município foi emancipado em 12 de dezembro de 1953. Chamou-se em outras épocas Santo Antônio dos Crioulos - pelo padroeiro da cidade e pela intensa presença afrodescendente, realidade existente ainda hoje. Moradores mais velhos ainda contam histórias de seus avós, dos tempos de escravidão.

Antes de emancipar-se, Chiador fazia parte do município de Mar de Espanha, que fica a 18 quilômetros, e que possui atualmente cerca de 11 mil habitantes. A ligação entre as duas cidades é feita através de uma estrada sem asfalto, de acesso difícil em épocas de chuva. Outro município que faz divisa com Chiador é Três Rios, cidade de aproximadamente 70 mil habitantes do interior do estado do Rio de Janeiro. O município apresenta forte dependência econômica com relação às cidades vizinhas. Chiador não possui hospital, farmácia, papelaria, hipermercado. Dessa forma, seus moradores viajam frequentemente para Mar de Espanha e, principalmente, para Três Rios, a fim de fazerem uso desses serviços. Ou seja – os cidadãos chiadorenses, para terem acesso a exames de saúde e internação hospitalar, grandes e médias redes de supermercado (e preços mais baixos), para resolver questões que exigem, por exemplo, ir até a sede da Comarca, precisam viajar cerca de uma hora.

Tal precariedade dos serviços diminuiu após a chegada de uma obra de grande porte - a construção do complexo hidrelétrico de Simplício, no rio Paraíba do Sul. A obra, financiada por Furnas Centrais Elétricas, tem sua maior área alagada em território chiadorenses, o que ampliou a arrecadação do município em mais de 50%, de 2007 a 2012. Em 2013, o repasse do ISSQN terminou, com o final das obras de Furnas, e o município

⁴ Entrevistas de histórias de vida, reportagens sobre alguns aspectos do cotidiano dos moradores de Chiador estão disponíveis no canal do projeto no youtube, TV Chiador (www.youtube.com/tvchiador/). Esse material constitui parte do corpus de pesquisa focado nesses dois outros eixos do projeto, história local e ação cultural, que estão sob análise.

voltou a viver a situação anterior, dependente do FPM, o que levou o prefeito – Moisés da Silva Gumieri, do PT, eleito em 2012 - a anunciar medidas de austeridade.

Importante destacar que na área da comunicação aquela prosperidade não chegou a ser vivida. O município não possui emissora de rádio, jornal comercial nem emissora de TV. Uma das principais formas de comunicação da cidade é o alto-falante da igreja católica, a Matriz de Santo Antônio, que é utilizado para anunciar falecimentos, reuniões comunitárias e festividades da igreja. Além disso, anúncios que são colados nos estabelecimentos comerciais da cidade e em postes e locais de grande circulação de público, além de eventuais carros de som, servem para avisar a comunidade sobre os acontecimentos, festas, campanhas de vacinação etc.

Uma experiência de jornalismo comunitário

O *Jornal de Chiador* foi criado em maio de 2008. De acordo com o Projeto Editorial, disponível no site www.jornaldechiador.xpg.com.br, a iniciativa tinha como principal missão “contribuir para o desenvolvimento da cultura local, tornando-se um veículo feito pela e para a comunidade”.

Desde maio de 2008 até abril de 2011, o *Jornal de Chiador*, em sua perspectiva de praticar um jornalismo comunitário, publicou, como se disse acima, 33 edições, sob coordenação de Rodrigo Galdino Ferreira.⁵ Com verba do prêmio obtido no edital Agente Jovem de Cultura, da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, com o projeto “*Jornal de Chiador* – comunitário de verdade”, a edição de número 34 foi publicada em março de 2013, após dois anos de interrupção. A linha editorial continuou a mesma, valorizando uma prática comunicativa democrática e participativa. O prêmio financiou integral ou parcialmente algumas edições em 2013, e, a partir de meados desse ano, o jornal tornou-se autossustentável, com obtenção de verbas de pequenos comerciantes locais. O apoio obtido junto à FAPEMIG, com a aprovação do projeto “Chiador: jornalismo comunitário, história e ação cultural”, permitiu pagar o deslocamento, pelo menos duas vezes por mês, de uma bolsista, aluna de Jornalismo da UFJF, que colaborou de 2013 a 2014 em especial nas atividades de reuniões de pauta e em oficinas com moradores de Chiador para capacitá-los a diagramar e escrever para o jornal.

Desde 2009 temos acompanhado e participado de diversas pesquisas relacionadas ao *Jornal de Chiador*, e apresentado alguns de seus resultados em distintas ocasiões. Em 2009 orientamos a monografia “*Jornal de Chiador*: comunitário, alternativo ou popular?”, de

⁵ A edição de número 34, assim como algumas das edições mais antigas do *Jornal de Chiador*, estão disponíveis em pdf através do link www.ufjf.br/conecta/projeto-chiador. Outras estão disponíveis na página do jornal no Facebook.

Rodrigo Galdino Ferreira (2009); a partir da retomada do jornal, em 2013, efetuamos análise sobre o novo perfil do periódico (FUSER, 2013); e em 2014 orientamos a monografia "*Jornal de Chiador: participação, informação e cidadania*", de Daisy Martins Cabral (2014).

A monografia de Rodrigo Galdino Ferreira discute, a partir de conceitos de jornalismo comunitário, alternativo e popular, quais as características do periódico que ele conduzia em Chiador. Nas conclusões, Ferreira (2009, p.72) assinala que, embora apresente características também do jornalismo popular e da imprensa alternativa, o *Jornal de Chiador* é exemplo mais propriamente de jornalismo comunitário, pois: "[é] originário da comunidade; incentiva a participação popular; apresenta mecanismos de ruptura, visando a hegemonia no campo da comunicação social; retrata temáticas cidadãs, como auto-estima, saúde, educação; além de não possuir finalidade lucrativa".

Algumas questões observadas à época, em 2009, apresentaram-se como essenciais na discussão de experiência. Uma delas é que, apesar de a equipe não ser fixa, "algumas atividades do Jornal acabaram concentradas nas mãos de apenas alguns colaboradores" (FERREIRA, 2009, p.15). Tentar radicalizar na linha da maior participação da comunidade em todas as etapas da produção do jornal é uma das linhas mestras da atual perspectiva do jornal. Os distintos níveis de participação em tais experiências comunitárias é assinalada, por exemplo, por Peruzzo (2004):

Concretamente, a participação popular na comunicação comunitária pode significar, numa gradação crescente: o simples envolvimento das pessoas, geralmente ocasional no nível de mensagens, ou seja, dando entrevistas, avisos, depoimentos e sugestões ou cantando, pedindo a inserção de músicas e aderindo a concursos; elaborar matérias (notícias, poesias, desenhos); compartilhar a produção global do jornalzinho, do programa de rádio, etc.; tomar parte na definição da linha política, do conteúdo, do planejamento, da edição, do manejo de equipamentos; compartilhar o processo de gestão da instituição comunicacional como um todo. (PERUZZO, 2004, p. 142)

Em estudo com base na nova fase do jornal (FUSER, 2013), destacamos que um dos aspectos centrais na sua produção é o fato de praticamente todo o conteúdo ser produzido por moradores de Chiador, e não pela equipe coordenadora - esta, formada pelo jornalista Rodrigo Galdino Ferreira, pelo autor deste artigo e pela bolsista Daisy Martins Cabral. Ainda assim, há concentração na equipe coordenadora em diversas atividades necessárias para a elaboração do jornal.

Desde o início de 2013 até o final de 2014, as reuniões de pauta, nas quais havia participação de vários moradores, foram gradualmente se esvaziando. O conteúdo continuou sendo quase todo elaborado pelos moradores, mas em grande medida através da

página do jornal no Facebook, forma encontrada para garantir a participação e ampliar a difusão da produção de cada edição, que é publicada integralmente nessa rede social.

Outra questão amplamente discutida, e ainda não resolvida, é os moradores assumirem a condução dos rumos do jornal, seja se responsabilizando pelas reuniões, seja pelo contato com outros moradores para garantir a produção de cada edição, seja ainda realizando a diagramação. Foram realizadas oficinas de capacitação no InDesign, e é feito por vezes acompanhamento para orientação na elaboração de textos, mas o jornal ainda não é feito exclusivamente por moradores. O conteúdo, praticamente sim, mas o planejamento, a edição e a finalização, estas ainda estão em grande parte nas mãos da equipe que assume essa responsabilidade, pois até agora não se conseguiu atingir o objetivo de que moradores de Chiador o fizessem.

A monografia de Daisy Martins Cabral (2014) toca nesse tema, e analisa como a oposição da Prefeitura ao jornal pode ser considerado um dos fatores que explicam a falta de maior participação. No distrito de Penha Longa e no bairro de Parada Braga as reuniões de pauta, que eram realizadas aos sábados nas escolas municipais, tiveram que ser mudadas de local, pois a Prefeitura proibiu as diretoras de abrir esse espaço público. Isso não apenas obrigou a procurar local alternativo, o que não é fácil, como deixou claro à população que o poder executivo é contrário ao jornal. O que foi dito à equipe pelo próprio prefeito, em reunião que ajudamos a organizar.

A questão da falta de participação dos moradores na elaboração do jornal levou (e leva) a equipe de coordenação do mesmo a incessantes debates a respeito desse assunto. Os diversos níveis de participação dos moradores em aspectos da vida política do município, em especial nas reuniões da Câmara, nas associações de bairro e de produtores rurais, são questões que nos pareceram importantes investigar.

Uma referência que tem auxiliado nesse sentido é Hannah Arendt. Embora em contexto distinto, das violências dos regimes totalitários, ela assinala:

Se as experiências políticas básicas de nossa época são a guerra e a revolução, isto significa que nos movemos essencialmente num campo de experiências violentas que nos induzem a equiparar ação política com violência. Tal equiparação pode se revelar fatal, porque, nas condições atuais, sua única consequência possível é tornar a ação política algo sem sentido, o que é absolutamente compreensível, dado o imenso papel que a violência tem, de fato, desempenhado na história de todos os povos da raça humana (ARENDR, 2008, p. 256).

Braga (2010) ressalta esta tendência mundial, ao analisar obras de Hannah Arendt, de uma política “enfraquecida e desacreditada”, resultado de anos da dominação e a

massificação sobre a maioria da população, que não se considera responsável pelo mundo comum e inábil para participar da esfera pública.

A grande maioria das pessoas continua a negligenciar esta dimensão e a considerá-la distante, esquecendo ou não percebendo que a esfera entre os homens – a política – é o que a dignifica enquanto pessoa humana; como falar em sentido da política numa sociedade atomizada? Como falar da política como espaço da liberdade em uma sociedade que está mais preocupada com a luta pela própria sobrevivência ou que valoriza mais o consumo e a produção? (...) Como dizer para os homens que eles têm de ser responsáveis pelo mundo público e conservá-lo, se eles não se sentem parte de um mundo comum? (...) A solução é o resgate da política e de seu significado. (BRAGA, 2010, p.157 e 158)

Se a política está em crise, o mesmo ocorre também uma de suas manifestações mais importantes, a democracia. Boaventura de Sousa Santos (2007) assinala que há uma crise da democracia representativa, decorrente de vários fatores, a ponto de chegarmos à existência de sociedades politicamente democráticas mas socialmente fascistas, caracterizadas por serem sociedades "de gente muito poderosa que tem poder de veto sobre os setores mais fracos da população" (SANTOS, 2007, p.88). Viveríamos em algumas dessas sociedades uma "cidadania bloqueada", "que se baseia na idéia de participação mas não garante suas condições materiais" (idem, p.92).

Metodologia

O material de campo deste trabalho foi obtido a partir de um questionário semiestruturado, cuja versão final possui 84 questões. Foi aplicado aleatoriamente a 100 moradores do município de Chiador, com idade superior a 21 anos e que residissem na localidade há no mínimo 20 anos, em número que procurou obedecer proporcionalmente à distribuição populacional das áreas abrangidas: Chiador-sede (centro), Parada Braga (povoado, pode se transformar em vila), Penha Longa (distrito, área urbana), Sapucaia de Minas (bairro denominado oficialmente Vila Zaíra, deve transformar-se em distrito em 2015), Chiador-estação e a zona rural. O questionário foi preenchido pelos pesquisadores, através de entrevista pessoal, cada uma delas com duração entre 20 e 30 minutos.

As perguntas contidas no questionário abrangem a caracterização pessoal e familiar do indivíduo (idade, escolaridade, estado civil, religião), perfil de renda e assistencial (profissão, renda individual e familiar, programas assistenciais do governo), relação com a saúde (utilização do serviço público de saúde, doenças crônicas), meios de comunicação (com destaque ao *Jornal de Chiador*, em casos em que o mesmo é citado), cultura e cidadania (lazer, política, etc.). Os resultados desses 100 questionários foram inseridos em tabelas de Excel. São esses resultados que iremos, aqui, apresentar e discutir.

Os leitores do jornal

Uma das perguntas, sobre como os moradores se informam das coisas que acontecem em Chiador, mereceu especial atenção. Não era feita nenhuma menção ao *Jornal de Chiador*, direta ou indireta, e a equipe de campo não era identificada com o jornal. A tal pergunta, 45 entrevistados, 45% da mostra de 100, afirmaram (resposta múltipla, aberta) que utilizam o *Jornal de Chiador (JC)* para essa finalidade (obter informação sobre o que acontece no município).⁶ Esse resultado é que irá balizar a maior parte das considerações que se seguem, ou seja, analisaremos diversas questões relativas a esse universo de 44 respondentes, que citaram espontaneamente o *JC* como forma de obtenção de informações, que "perde" apenas para a informação disseminada boca a boca, resposta de 89 dos entrevistados. Discutiremos questões como idade, escolaridade, relação com a política local, entre outras.

Iniciemos com idade e escolaridade. Dos entrevistados que espontaneamente responderam obter informação dos acontecimentos do município através do *JC* (45), 15, ou 30,95% desses 45 respondentes, possuem idade superior a 60 anos; 11 (26,19%), entre 50 e 59 anos; 6 (11,9%), entre 40 e 49 anos; 6 entre 30 e 39 anos (14,28%) e 7 (16,67%), entre 21 e 29 anos. Ainda que devamos considerar que não há idade inferior a 21 anos pelas restrições que impusemos de idade mínima - para garantir que o respondente tivesse amplo conhecimento da realidade de Chiador -, algumas hipóteses para apenas 16,67% estar na faixa etária mais jovem, e mais de 50% (57,14%) possuir a partir de 50 anos, seja a disseminação de redes sociais entre a população mais jovem, e, entre os mais velhos, maior tempo e/ou interesse pela leitura e maior interesse por questões locais. Não temos, contudo, condições de ter maior segurança a esse respeito.

Sobre escolaridade, é importante destacar que não chegaram a concluir o ensino fundamental (até a antiga 8ª série, novo 9º ano) nada menos que 27 dos entrevistados que se informam pelo *JC* (57,1% dos 45). Concluíram somente o ensino fundamental ou tinham ensino médio incompleto 5 moradores (11,9% dos 45), e foram 9 (21,4%) aqueles que chegaram a concluir o ensino médio (sendo 1 curso técnico), entre os quais 3 (7,1%) concluíram também o nível superior. Quatro entrevistados, 9,5% dos 45, não estudaram. Ou seja, entre os leitores do jornal, levado em conta o resultado desta pesquisa, significativa parcela não possui o ensino fundamental, e quase 10% não possui nenhum estudo. Infere-se que, ainda assim, sejam alfabetizados, ou têm contato com o jornal através de outras

⁶ Como foram realizadas 100 entrevistas, informaremos apenas o número absoluto nos casos em que a referência for a mostra de 100, tendo em vista que se repetiria o número absoluto e o relativo. Nos casos em que a referência é outra, forneceremos o número absoluto e o relativo.

peçoas, ou de outras formas que não a leitura. A análise em separado dos questionários dos entrevistados que não possuem estudo (sejam leitores ou não do *JC*) pode conduzir, futuramente, a outras reflexões. E, evidentemente, a novas indagações.

Os colaboradores do *Jornal de Chiador*

Interessava-nos também, em particular, levantar maiores dados sobre os colaboradores do jornal. Ou seja, tendo em vista os diferentes níveis de participação na comunicação comunitária, qual seriam as formas de participação apresentadas, espontaneamente, pelos moradores, que, por sua vez, se identificariam também como colaboradores a partir de seu próprio ponto de vista?

Assim, para aqueles 45 moradores que responderam informar-se sobre Chiador através do jornal foi feita outra pergunta: “Você já colaborou com o jornal?” Dos 45 moradores que se disseram se informar pelo jornal, 16 deles responderam “sim” (35,7% dos 45) a essa questão. Em seguida, para esses 16 indagou-se de que forma haviam colaborado. Na maior parte (12 deles) a colaboração foi com envio de conteúdo (receitas, reclamações, opinião, reportagens, fotos, informações, etc.); 4 responderam já haver contribuído com dinheiro (para pagar custos, o *Jornal de Chiador* aceita doações, embora estas sejam poucas) - 1 dos moradores afirmou já ter participado com auxílio financeiro ao jornal e também com envio de conteúdo.

Se analisarmos isoladamente a resposta “sim”, e levando-se em conta o total de 100 questionários, teremos que 16% dos moradores participaram em algum momento da elaboração do jornal. Além de terem participado, têm clareza de o ter feito, eles mesmos definiram a forma de participação, a relação que estabelecem com o jornal. Embora a pesquisa não tenha seguido critérios rigorosamente de estratificação social, foi suficientemente ampla, dadas as características de Chiador, para considerarmos o resultado altamente significativo.

Especificando o tipo de colaboração dos chiadorenses, daqueles 12 aqueles que participaram com elaboração de conteúdo, as respostas (múltiplas) foram bastante variadas, abrangendo desde sugestão de assuntos a serem abordados pelo jornal, envio de fotos, de receitas, de reportagens, de informações do passado, agradecimentos, envio de aniversariante (coluna fixa do jornal), e até mesmo duas moradoras destacaram que suas filhas haviam escrito para o jornal. Os dois entrevistados que enviaram reportagens possuem graduação completa; um tem 56 anos e o outro 25. Entre os 16 leitores que já colaboraram, 12 deles (73,3%), contribuíram com algum material para ser publicado, demonstrando que o *JC* tem estimulado a participação cidadã de um número importante de

chiadorenses. As respostas sobre as filhas foram incluídas como forma de participação, por terem sido assim consideradas pelas moradoras que responderam ao questionário, que assumem também como sua a ação feita pela filha. Ademais, uma delas respondeu que, além de a filha ter escrito para o jornal, também já ajudou em algumas notícias.

Analisando a amostra dos 16 que, além de se informarem pelo *JC*, também colaboraram com o mesmo (incluindo, portanto, os 4 que responderam ter participado com ajuda financeira), podemos destacar as seguintes características: 5 possuem entre 50 e 60 anos (33,3%); 5 entre 60 e 70 anos (26,6%); 3 entre 30 e 40 anos (20%); 2 têm idade entre 70 e 80 anos (13,3%) e 1 possui 25 anos (6,6%). Portanto, 60% (10) possuem a partir de 50 anos de idade, permitindo concluir que a maior parte dos colaboradores é constituída por pessoas que já estão em fase da vida em que constituíram família, estão com a vida laboral definida, muitos aposentados ou em vias de se aposentar.

Em termos de ocupação, entre esses 16 moradores entrevistados que participam do jornal, muitos deles já exerceram e exercem mais de uma atividade remunerada. A maior parte são ou foram trabalhadores rurais (5); é importante assinalar que todos/as esses/as 5 exerceram ou exercem também outras ocupações: empregada doméstica, costureira, lavadeira, motorista e vendedor ambulante de catálogos.

Outra ocupação significativa entre esses 16 moradores que participam do *Jornal de Chiador* é o funcionalismo público: 4 deles/as exercem essa atividade: duas professoras, um gari, e uma auxiliar de serviços gerais. A administração pública em Chiador é uma das principais empregadoras, se não a principal, e é um dos pontos centrais da política local.

Fazer bicos variados, atividades avulsas, não especializadas e sem vínculo empregatício foi a resposta de 3 dos moradores que participam do jornal, em relação a sua principal fonte de renda. Eles responderam que exercem ocupações - por eles mesmos descritas como "bico" ou biscate - como: venda ambulante de roupas; crochê, costura e saculé; faxina e palito. A produção de palitos, ou varetas - a partir de bambu pelo qual não se paga nada, retirado da mata ou da beira da estrada, que são vendidas em feixes a intermediários que posteriormente revendem o produto para uso em espetinhos, por exemplo - é bastante disseminada no município de Chiador, entre a população mais pobre, como forma de complementação de renda.

Há ainda um guarda patrimonial (empregado de empresa dem Três Rios), um mecânico e duas operárias (uma aposentada e outra pensionista, ambas trabalhavam em Três Rios).

É relativamente alto, entre os 16 moradores de Chiador (de 100 entrevistados) que participam da publicação, o número daqueles que não mais exercem atividade remunerada, pois estão aposentados, e/ou são pensionistas, e/ou recebem benefício: 7, em 16 (43,7%). Outros 7 estão trabalhando; uma está sem trabalho nem recebe qualquer benefício; e outro é aposentado mas continua trabalhando.

Sobre escolaridade, não chegaram a concluir o ensino fundamental 10 dos 16 colaboradores (60%), sendo que um destes nem chegou a estudar; 1 concluiu a 8ª série (6,6%) e 5 concluíram o ensino médio (33,3%), sendo que 1 entre esses 5 concluiu a graduação e 1 a pós-graduação.

Ao menos duas reflexões podem ser feitas a partir desses dados: em primeiro lugar, fica evidente o caráter comunitário, aberto, do *JC*, que tem entre seus colaboradores diretos não apenas moradores que não concluíram o ensino fundamental como até mesmo quem sequer jamais chegou a estudar. Outra reflexão é a respeito das formas encontradas por essas pessoas para participar: são poemas, recados, receitas, aniversários, opiniões, etc., e que encontram espaço nesse veículo, seja por papéis manuscritos, seja por recados verbais, ou por fotos ou desenhos. Essa situação, embora não haja dado estatístico disponível de fácil comparação, certamente não é compartilhada com os jornais de grande circulação, pois estes pouco ou nenhum espaço possuem para as preocupações das pessoas pouco instruídas do interior do país. A esse respeito, vale assinalar que em Chiador 19,8% da população com 15 anos ou mais é considerada analfabeta, segundo dados do Ministério da Educação. Esse percentual é superior ao dobro do indicativo do estado de Minas Gerais, 8,65% em 2009, e do país, 9,92%.

Os leitores que não participam

E quais os motivos que levam aqueles moradores que se informam pelo jornal a não participarem do mesmo - que são 29 dos 45 leitores, portanto, 64,3%? Houve aqui um equilíbrio geral em dois grupos de respostas: 11 deles (33% dos 45 leitores) relataram que não tinham nada para enviar ou não foram procurados ou ainda “o jornal” nunca pediu; outros 8 alegaram que não gostam ou não têm interesse em participar (27,5% de 29). Uma resposta significativa, embora em menor número (3, ou seja, 11,1% desses leitores), foi daqueles que alegaram que não desejavam se expor ou tinham medo ou não queriam se envolver. Outras respostas foram, uma delas, a de que não participa porque o jornal “fala sempre a mesma coisa”, e 4 moradores disseram que nunca participaram porque o jornal não vai até a localidade onde mora, ou nunca está “quando colhem as entrevistas”; dois moradores preferiram não responder.

É preciso destacar, portanto, que grande parte dos leitores não deseja participar, por vários motivos, como por considerar não ter uma colaboração ou informação a dar, ou mesmo por discordar da linha editorial do jornal. As respostas evidenciaram ainda problemas de distribuição, pois, de fato, há locais em que foi aplicado o questionário e onde o jornal não realiza reuniões habitualmente, ou mesmo nunca o fez (por exemplo, na zona rural). Conforme assinalado anteriormente, houve dificuldades em obter participação mesmo nos locais onde as reuniões de pauta foram realizadas regularmente, como no centro e em Penha Longa. A participação tem sido cada vez mais através do envio de textos, fotos, informações, com a entrega de tais materiais a duas colaboradoras do jornal, ou, cada vez mais, através do Facebook ou e-mail.

Há também três moradores que disseram não participar do *Jornal de Chiador* porque não queriam se envolver, ou tinham medo, ou não queriam se expor. Essa resposta deixa claro como a Prefeitura tem obtido sucesso no processo de pressão para que não haja participação no jornal. As três são mulheres, uma delas faz bico (faxina), outra é empregada doméstica e a terceira nunca trabalhou, cuida de casa, e recebe benefício do governo (Bolsa-família).

Ainda sobre a influência política local, foi questionado aos 45 leitores qual era a opinião deles sobre o jornal expor críticas à Prefeitura, e 29 deles (64,4%) acham positivo publicar tais críticas; 13 (28,9%) responderam que não gostam que se publiquem críticas à administração no jornal; 1 (2,2%) disse não saber, 1 preferiu não responder e 1 respondeu que lhe era indiferente.

Ao cruzar os dados para verificar se entre os colaboradores do jornal seria maior o percentual de moradores que concorda ou não com a publicação de críticas, encontramos os seguintes resultados: dos 16 leitores que participam do jornal, 10 deles (62,5% dos 16) são favoráveis a que o *JC* critique a Prefeitura, 4 são contrários (25%), 1 preferiu não responder e 1 mostrou-se indiferente. Entre os que 29 que leem mas não participam, 19 são favoráveis (65,5% dos 29), 9 contrários (31%), 1 (3,4%) disse não saber. Ou seja, percebe-se que os percentuais são bastante próximos, indicando que participar ou não do jornal não parece ser fator diretamente associado à opinião a respeito de a publicação fazer críticas à Prefeitura.

Um aspecto que chamou a atenção é que muitos entrevistados, entre os dois grupos, deixaram claro que são favoráveis à publicação de críticas quando as informações são verdadeiras, e não fofoca ou politicagem. Entre os 45 leitores do *JC*, um total de 10 dos 29 que se disseram ser favoráveis à publicação de críticas ("se for verdade"; "se merecer, tudo bem; se não merecer não pode"; "bom, pois há coisas que são verdade"...) fizeram esse tipo

de ressalva, espontaneamente, ao responder à questão. De forma mais intensa no grupo de leitores que não participam do jornal (8 de 19, ou seja, 42,1%), enquanto no grupo que participa essa ressalva foi levantada por 2 de 10 moradores (20%), entre aqueles favoráveis à publicação de críticas à Prefeitura.

De maneira geral, portanto, deve-se destacar ter ficado claro que, além de expressivo número de moradores (entre os que citaram espontaneamente se informarem através do *Jornal de Chiador*) serem favoráveis a que o jornal publique críticas à administração, verifica-se, em especial entre os que não participam do jornal, que as críticas à Prefeitura são corretas, devem ser feitas, mas quando são justas, quando dizem respeito a questões verdadeiras, ou que assim consideram que sejam. Por trás dessa consideração, é possível concluir que o jornal possui, de forma bastante disseminada, a imagem de ser detrator da Prefeitura, a ponto de muitos moradores fazerem ressalvas a respeito das críticas que ali se publicam, mesmo sendo favoráveis a que tais críticas sejam publicadas, e de forma espontânea. Talvez essa seja uma explicação para o fato de não participarem do jornal, embora os motivos apresentados de maneira verbalizada, expressa, como vimos anteriormente, tenham sido outras. Ou seja, é possível que a imagem do jornal, de que critica a Prefeitura mesmo quando tais fatos (segundo os entrevistados) não digam respeito a fatos, mas o que é qualificado como "fofoca", ou inverdade, seja uma das razões que afastam tais leitores de participarem diretamente com o jornal.

Essa é, evidentemente, uma das leituras possíveis dos números, de forma comparativa, e a partir de inúmeras informações que vão sendo recolhidas no decorrer da pesquisa. E que nos traz para debate a questão da participação, seja no jornal, seja na vida política do município.

Considerações finais: cidadania bloqueada?

Há outro indicativo sobre o que a nosso ver é um alerta para reflexão, discussão, e, se possível, ação. Analisando a relação dos leitores do *JC* com assuntos políticos, sobre a participação em alguma associação de moradores, 40 responderam que não participam ou participaram de nenhuma associação (88,9%) e 5 responderam que já participaram (11,1%) – Associação de Produtores Rurais (3), Sindicato Rural de Sapucaia (1) e votação para abaixo assinado (1). Dentre os porquês de não participarem a resposta quase unânime é não gosta, não tem interesse, nunca a convidaram, não teve oportunidade, por causa da idade.

Se frequentam/frequentaram reuniões na Câmara de Vereadores do município, 34 dos 45 leitores do *JC* afirmaram não frequentar ou ter frequentado as reuniões (75,6%) e 11 responderam que já assistiram a alguma reunião na Câmara (24,4%). Por que não? Na

maioria, porque “não gosta, desacredita, não pode, não chamaram, não tem interesse”. Quem frequenta ou frequentou também não poupou críticas: foi, mas deixou de ir pois “vou ouvir as mentiras”, ou esteve presente porque o assunto discutido na reunião em questão era de interesse próprio; alguns afirmaram que foram convidados por algum político local e ainda houve quem respondeu que frequenta porque são discutidos assuntos importantes.

Muitos desses pontos de vista de certa forma são de certa forma próximos entre os leitores do jornal e a amostra total de 100 entrevistados; entre estes 100, 17 afirmam que já participaram de alguma reunião (entre os leitores, 24,4%) e 83 afirmam que nunca assistiram nenhuma reunião na Câmara Municipal. Quanto a participarem de algum tipo de associação (entre os 100 entrevistados), 90 afirmam nunca terem participado e apenas 10 afirmam que participam/participaram de alguma associação ou entidade formada por moradores do município (entre os leitores, 11,1%).

As análises de Hannah Arendt que vimos anteriormente acerca da política, embora sejam reflexões efetuadas a partir de contexto de regimes totalitários, permitem que façamos analogias. Hoje seria possível fazermos a leitura de tais reflexões pensando em outras formas de violência, não apenas aquela violência física e psicológica dos regimes totalitários, mas a violência que representa nos depararmos cada vez mais intensamente com o delito como regra, não como exceção: delitos de corrupção, de exercício de poder e de autoridade para benefício particular, o uso da dimensão pública para o enriquecimento e favorecimentos particulares.

O resultado é o mesmo: torna a ação política algo sem sentido, dado que, na nossa experiência, política passa a representar sinônimo de corrupção e desesperança, em níveis inclusive de um pequeno município como Chiador. O resgate da política e de seu significado passaria por uma educação fundada na relação com a circulação de informação, como ferramenta de retomada de uma cidadania plena, ligada à inserção do indivíduo nas relações políticas humanas, não somente no município de Chiador, mas em esfera global. Arendt mantém a esperança: "Não porque acreditamos em milagres, mas porque os homens, enquanto puderem agir, são aptos a realizar o improvável e o imprevisível, e realizam-no continuamente, quer saibam disso, quer não" (ARENDR, 1993, p. 122).

O distanciamento dos moradores, leitores ou não do *Jornal de Chiador*, das reuniões da Câmara, mas também de associações comunitárias, pode estar relacionado à análise realizada por Boaventura de Sousa Santos: o caráter de representação da democracia está em crise, e, também, o caráter participativo, o que se expressa no alto nível de absenteísmo.

Uma das questões que devem ser levadas em conta, nesse contexto, é o fato, assinala o cientista político, de que o mercado econômico e o mercado político se confundem.

(...) estamos entrando em um processo no qual somente tem valor o que tem preço
(...) Com isso se naturaliza a corrupção, que é fundamental para manter essa democracia de baixa intensidade, porque naturaliza a distância dos cidadãos em relação à política - 'todos são corruptos', 'os políticos são todos iguais' etc. - o que é funcional ao sistema para manter os cidadãos afastados (SANTOS, 2007, p.91).

Na democracia representativa, havia autorização e prestação de contas. "O que está acontecendo com esse modelo é que continua havendo autorização mas não há prestação de contas: no jogo democrático atual, quanto mais se fala de transparência, menos transparência há" (SANTOS, 2007, p.91). Assim, há duas crises nesse modelo, a de representação - "os representados não se sentem representados por seus representantes - e a da participação - abstencionismo muito freqüente" (idem, p.92).

Também estamos buscando em textos de Luiz Roberto Alves (2002) aprofundar a reflexão sobre práticas políticas que não sejam estudadas de forma fragmentada, isolada, tentando evitar "a segmentação dos estereótipos [que] ajuda a compor a agenda e os métodos dos pesquisadores, que correm o risco da submissão ao modelo" (ALVES, 2002, p.9).

Alves (2002, p. 8) denuncia um contexto "em que o império da formalidade legal faz pontificarem os direitos enquanto a prática política os rouba cotidianamente". Com a imagem da metonímia mutilada, analisa como representações sociais perdem sentidos, se marginalizam, enquanto as metáforas globalizantes se solidificam. Ele faz a crítica mas também permite que se vislumbre aquela imprevisibilidade na ação do próprio homem, aventada por Arendt:

(...) quando um olhar crítico rigoroso visita a história recente do país, vê que não resta nada das explicações teóricas e estereotipadas sobre as culturas brasileiras, desenvolvidas a partir dos anos 20 deste século. Ao contrário, do samba ao rap, dos Quilombos ao MST, o que é vivo e ativo resulta de confrontos no interior da prática política das maiorias afastadas dos centros de decisão, mas com forte potencial político. Política aqui, é entendida como a ação criativa na criação e desenvolvimento da polis. (ALVES, 2002, p. 8)

O pesquisador destaca que "somente a sondagem das práticas culturais populares revela a reinvenção política na fala recriada daqueles e daquelas grupos e pessoas que descobrem os direitos sociais roubados e essa fala se faz tanto mais política quanto mais culturalmente ativa" (ALVES, 2002, p. 8).

Entre as práticas culturais populares citadas por Luiz Roberto Alves estão, por exemplo, as tribos periféricas: "aproximar-se dessa gente supõe fazer uma leitura do que

nunca foi escrito... Noutras palavras, a contínua repressão política exige instrumentos mais exigentes para a descodificação das mensagens. Exige uma interpretação antes de tudo amorosa" (ALVES, 2002, p.11)

Essa interpretação proposta por Alves pode nos levar a diversas reflexões. Por exemplo, se a negação da política pelos moradores de Chiador, o desprezo pelas reuniões do Legislativo, o apoio às críticas à Prefeitura, não estariam apontando para novas perspectivas de ação política. Também para a possibilidade de termos ali (como em outras instâncias) exemplos do que Boaventura de Sousa Santos chama de fascismo social e cidadania bloqueada: nas reuniões da Câmara, nas conferências de saúde, de educação, de comunicação, de cultura, nos colegiados das universidades, teríamos espaços com estruturas formais baseadas na idéia de participação, mas que, na prática política, não garantem as condições de participação para amplos segmentos da população, sob controle de grupos que exercem poder de veto sobre setores mais fracos da população. Pois, ainda nas palavras do cientista social português, "no jogo democrático atual, quanto mais se fala de transparência, menos transparência há" (SANTOS, 2007, p.91).

Referências

- ALVES, L. R. **Comunicação para questionar a cidadania suspensa**. VI Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Alaic 2002. UPSA - Universidad Privada de Santa Cruz de la Sierra. Santa Cruz de la Sierra, Bolivia. Recuperado em 25 de abril, 2013, de <http://www.eca.usp.br/associa/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%2018%20cecilia%20peruzzo/Luiz%20Roberto%20Alves.doc>
- ARENDDT, H. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: Difel, 2008.
- _____. **A dignidade da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- BRAGA, A. C. L. A recusa política em Hannah Arendt. In: SEPECH, 2010, Londrina, PR, **Seminário de Pesquisas em Ciências Humanas**, 8, 2010, Londrina, PR. Anais eletrônicos... Londrina, PR: UEL. Recuperado em 15 de março, 2015, de: http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/a_recusa_da_politica_em_hannah_arendt.pdf
- CABRAL, D. M. **Jornal de Chiador**: participação, informação e cidadania. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Comunicação Social, UFJF. Juiz de Fora, 2014.
- FERREIRA, R. G. **Jornal de Chiador**: comunitário, alternativo ou popular? Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação Social. UFJF. Juiz de Fora, 2009. Recuperado em 10 de março, 2015, de: http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/monografia_revisada_rodrigo_galdino.pdf
- FUSER, B. **Jornal de Chiador**: uma experiência de comunicação comunitária e democrática. Anais da IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. Universidade Federal do Paraná, UFPR. Curitiba, 2013.
- PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.